

MIGUEL ATTIE FILHO

MARCAS  
E PENSAMENTOS

—

Notas a uma  
História do Pensamento da Terra

—



2016

## Copyright by Miguel Attie Filho

Toda propriedade intelectual é protegida pela legislação vigente de Direitos Autorais, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, Código Civil e Lei da Criminalidade. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização do autor.

Depósito legal Lei nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação Biblioteca Nacional  
Rio de Janeiro - Brasil

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)  
1ª edição 2016

---

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Attie Filho, Miguel

Marcas e pensamentos : notas a uma história do pensamento da Terra / Miguel Attie Filho. -

1. ed -- São Paulo : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-917387-6-2

1. Antropologia Filosófica - História
2. Pensamento 3. Teoria do conhecimento I. Título.

14-12665

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

---

Todos os direitos reservados

ATTIE PRODUÇÕES LTDA  
2016

*Impresso no Brasil*

### *Empiria e razão pensantes*

Disputas filosóficas entre pensadores do período moderno da Europa colocaram mais em evidência o que se costumou chamar, por um lado, de racionalismo e, por outro, de empirismo, ambientados e mesclados, ambos, ao colar de outras disputas de supremacia envolvendo, principalmente, França e Inglaterra. Um dos exemplos de tal discussão, na disputa pela supremacia da razão ou da experiência como constituintes fundamentais da realidade do humano – isto é, do *pensamento* –, pode ser seguido, partindo da posição de Descartes, depois, pela contestação de John Locke e, por fim, pela resposta de Leibniz a este último. Separo somente algumas passagens, iniciando pelo interesse de Locke pela questão do *pensamento*. Diz ele:

*Idea is the object of thinking.*  
Every man being conscious to himself that he thinks; and that which his mind is applied about whilst thinking being the ideas that are there, it is past doubt that men have in their minds several ideas, - such as are those expressed by the words whiteness,

*Ideia (idea) é o objeto (object) do pensamento (thinking).* Todo homem tem *consciência (conscious)* de que *pensa (think)*, e que quando está pensando sua *mente (mind)* se ocupa de ideias. Por conseguinte, é indubitável que as *mentes (minds)* humanas têm várias ideias, expressas, entre

hardness, sweetness,  
thinking, motion, man,  
elephant, army, drunkenness,  
and others: it is in the first  
place then to be inquired,  
How he comes by them?

outros, pelos termos  
brancura, dureza, doçura,  
*pensamento* (*thinking*),  
movimento, homem, elefante,  
exército, embriaguez. Disso  
decorre a primeira questão a  
ser investigada: como elas  
são apreendidas?<sup>49</sup>

Nessa curta passagem, é possível verificar um primeiro universo de termos que, para Locke, orbitam o questão do *pensamento* (*thinking*), tais como *ideia* (*idea*), *mente* (*mind*), *objeto* (*object*) e *consciência* (*conscious*). Em outra passagem, Locke indica, ainda, que o *pensamento* (*thinking*) significaria um certo tipo de operação da *mente* (*mind*) sobre as ideias. Vejamos:

1. Perception the first  
simple idea of reflection.  
Perception, as it is the first  
faculty of the mind  
exercised about our ideas;  
so it is the first and simplest  
idea we have from  
reflection, and is by some  
called thinking in general.  
Though thinking, in the  
propriety of the English  
tongue, signifies that sort of  
operation in the mind about

1. Percepção, primeira ideia  
simples de reflexão. Como a  
percepção é a primeira  
faculdade da *mente* (*mind*)  
usada sobre nossas *ideias*  
(*ideas*), ela consiste, assim,  
na primeira e na mais  
simples ideia que temos da  
*reflexão* (*reflection*) – por  
alguns denominada  
*pensamento* (*thinking*) em  
geral. Assim, *pensamento*  
(*thinking*), propriamente na  
língua inglesa, significa  
certo tipo de operação da

its ideas, wherein the mind is active; where it, with some degree of voluntary attention, considers anything. For in bare naked perception, the mind is, for the most part, only passive; and what it perceives, it cannot avoid perceiving.

*mente (mind)* sobre suas ideias quando a *mente (mind)* está ativa, [caso] em que, com certo grau de atenção voluntária, considera alguma coisa. Isso porque a mente vazia, ou a percepção desprovida de algo, é, geralmente, passiva, e o que ela percebe não pode evitar de perceber<sup>50</sup>.

A questão, apontada ao final da passagem, diz respeito a se saber em que medida as *ideias (ideas)* seriam constituídas como objetos do *pensamento (thinking)*. Por meio da via racionalista, de caráter inatista, a afirmação da consciência de si – isto é, do suposto *eu que pensa* – seria algo constituído por um núcleo de *pensamento* humanamente intrínseco, constituído *a priori*, fora da experiência sensorial. Entretanto, Locke, em sua perspectiva, afasta o inatismo, afirmando que o *pensamento (thinking)* seria tal como uma realidade constituída posteriormente, a partir da experiência. Vejamos essa passagem:

We know certainly, by experience, that we sometimes think; and thence draw this infallible consequence,- that there is

Sabemos, certamente por experiência, que às vezes *pensamos (think)*; daí chegamos a esta conclusão infalível: há alguma coisa em nós que tem o poder de

something in us that has a power to think. But whether that substance perpetually thinks or no, we can be no further assured than experience informs us. For, to say that actual thinking is essential to the soul, and inseparable from it, is to beg what is in question, and not to prove it by reason;- which is necessary to be done, if it be not a self-evident proposition. But whether this, "That the soul always thinks," be a self-evident proposition, that everybody assents to at first hearing, I appeal to mankind.

*pensar (think)*. Mas se esta substância perpetuamente pensa, ou não, não podemos ter mais segurança do que nos informa a experiência. Afirmar que o *pensamento (think)* real é essencial à alma e inseparável dela é uma petição de princípio e não uma prova racional, sendo necessária apresentá-la, por não se tratar de uma proposição evidente por si mesma. Mas insistir que esta proposição – “a *alma (soul)* sempre *pensa (think)*” – é evidente por si mesma, com a qual todos concordam apenas através de uma primeira inquirição, leva-me a pedir auxílio a todos os homens<sup>51</sup>.

Nesse sentido, Locke parece indicar que o *pensamento (thinking)* seria um tipo de movimento constituído a partir de elementos particulares, denominado *ideias (ideas)*, as quais seriam apreendidas por meio da experiência, constituindo,

também, um tipo de âmbito, denominado *mente* (*mind*), cujos resultados incluiriam, como um de seus efeitos, a *consciência* (*conscious*). Para Locke, seria, pois, um erro supor que a consciência não fosse efeito da experiência. A inversão ante o modelo racionalista repousa, principalmente, na perspectiva de que os âmbitos que poderiam ser tomados como inatos – tal como *pensamento*, *mente* e *consciência* – seriam, na realidade, efeitos originados pela própria experiência e, nesse caso, o *pensamento* (*thinking*) seria, portanto, um efeito do mover-se das *ideias* (*ideas*) e não, propriamente, sua causa. Dessa maneira, em linhas gerais, a via empirista inclinou-se a afirmar a impossibilidade de haver qualquer núcleo de *pensamento* antes de qualquer experiência, ou seja, tal núcleo seria suposto posteriormente, formado em um estágio secundário, pois, a primazia do humano estaria apoiada no conjunto de elementos adquiridos pela experiência. Assim, nesse caso, o humano seria constituído existencialmente, neste mundo, tal como uma *tabula rasa*, isto é, aos moldes de uma lousa em branco na qual seriam inscritos, por meio da experiência, paulatinamente, todos os elementos que constituiriam o que se suporia, posteriormente, ser um núcleo inato de interioridade e *pensamento*.

A perspectiva de via racionalista – tal como a de Descartes que vimos acima – tendeu, entretanto, a manter a afirmação de que a interioridade humana

teria, ao menos, um elemento inato, o *pensamento* (*cogitatio*), a partir do qual os elementos adquiridos pela experiência sensorial teriam uma organização – diria – de segunda instância. Uma passagem de Leibniz, em resposta direta às críticas de John Locke encontra-se na obra *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, um tipo de refutação, em que Leibniz procura derrubar, ponto a ponto, as críticas de John Locke que se encontravam em *Um ensaio sobre o entendimento humano*. A refutação apresentada nos *Novos ensaios* foi escrita em forma de um diálogo entre dois amigos: Teófilo (o amigo de Deus), representando o próprio racionalismo de Leibniz, e Filaleto (o amigo da verdade), representando o empirismo de Locke. Leibniz recusou-se a publicar a obra logo após a morte de John Locke. Na realidade, esta só foi publicada após a morte do próprio Leibniz. Vejamos uma passagem, na qual se inverte a expectativa de Locke, afirmando Leibniz que o humano, desde que constituído em sua natureza, já pensa.

19. PHILALETHE. Je ne me souviens pas que ceux qui nous disent que l'âme pense toujours nous disent jamais que l'homme pense toujours.  
THEOPHILE. Je m'imagine

19. FILALETTO. Não me lembro que aqueles que nos dizem que a alma *pensa* (*pense*) sempre não digam jamais que o homem pensa sempre.  
TEÓFILO. Eu imagino que

que c'est parce qu'ils l'entendent aussi de l'âme séparée, et cependant ils avoueront volontiers que l'homme pense toujours durant l'union. Pour moi qui ai des raisons pour tenir que l'âme n'est jamais séparée de tout corps, je crois qu'on peut dire absolument que l'homme pense et pensera toujours.	é porque eles o entendam como separado da alma, embora reconheçam facilmente que o homem pensa sempre durante a união. Para mim, que tenho razões para ter que jamais a alma é separada do corpo, creio que se possa dizer em absoluto que o homem <i>pensa</i> ( <i>pense</i> ) e sempre pensará <sup>52</sup> .
---	---

Nesse sentido, alinhando o *pensamento* (*pensée*) à alma e esta ao humano, a afirmação de um dos elementos implicaria na afirmação dos outros dois. Assim, o *pensamento*, constituinte intrínseco da alma humana, precederia toda e qualquer experiência, na medida em que a constituição da alma garantiria ao menos um núcleo noético, inato, primário, pronto a receber as experiências sensoriais secundárias na elaboração do *pensar*. Em outra passagem, a fala de Teófilo esclarece melhor essa posição.

THEOPHILE. Vous savez, Philalèthe, que je suis d'un autre sentiment depuis longtemps, que j'ai toujours été, comme je le suis encore, pour l'idée innée de Dieu, que M. Descartes a

TEÓFILO. Vós sabeis, Filaleto, que compartilho outro sentimento, há muito tempo, sempre o tive e o tenho ainda, em vista da ideia inata de Deus que o Sr.

soutenue, et par conséquent pour d'autres idées innées et qui ne nous sauraient venir des sens. Maintenant je vais encore plus loin, en conformité du nouveau système, et je crois même que toutes les pensées et actions de notre âme viennent de son propre fonds, sans lui pouvoir être données par les sens, comme vous allez voir dans la suite.

Descartes sustentou e, por consequência, em vista de outras ideias inatas, as quais não nos viriam dos sentidos. Agora, vou ainda mais longe, conforme o novo sistema, e acredito mesmo que todos os *pensamentos* (*pensées*) e ações de nossa alma vêm de seu próprio fundo, sem que lhe sejam dados pelos sentidos, como vós vereis em seguida<sup>53</sup>.

Esse tipo de debate, envolvendo razão e experiência, teve novo impulso com Kant no século XVIII, época em que a filosofia passou a ser expressa, também, em língua alemã. Durante esse período, até os dois séculos seguintes – XIX e XX –, as teorias tenderam a se ramificar cada vez mais, elevando e diversificando o número de autores e correntes, diferentemente do número menor de produção que havia nas épocas anteriores. Isso tornou, praticamente impossível, ao menos para mim, ter qualquer tipo de pretensão em seguir a miríade de possibilidades de efetuação a respeito da questão do *pensamento*. De todo modo, procurei recolher, a partir desse ponto, um dos diálogos possíveis que me parecia ter mais sentido em vista do que eu desejava compreender. Assim, procurei partir de Kant e, em linhas gerais,

acompanhei um dos movimentos que a discussão a respeito do *pensamento* parecia descrever na esteira da cronologia. Em resumo, entendi i) que o resultado das discussões entre os racionalistas e os empiristas haviam levado a discussão sobre o *pensamento*, em Kant, irremediavelmente para o interior do sujeito que pensa; ii) que, depois do que havia sido estabelecido por Kant no interior do sujeito como movimento do *pensamento*, parte dessas categorias foram levadas de volta para as esferas cósmicas e divinas por seus sucessores; iii) que o esgotamento dos modelos baseados na razão como o princípio (*arché*) da realidade sofreram críticas, propondo-se seu oposto, a cega vontade; iv) que, por fim, a separação dos domínios da filosofia das demais ciências, por Husserl, acabou por dispor espaço suficiente para que a filosofia convivesse com as ciências que ela mesmo havia gerado, em tempos passados, no seu interior. Assim, resumida a uma disciplina entre as demais, por si só, ela mesma não teve mais a preeminência de ser a única a discutir as questões sobre o *pensamento*, mas a discussão ampliou-se no interior de todas as ciências que, na virada do século XX, já tinham independência necessária para falarem por si mesmas.